

CURA MÁGICA: HOMEOPOÉTICA DE ENCANTAMENTO

Prof.^a Dr.^a Tatiane Torres

Universidade de São Paulo – Departamento de Letras Modernas

torrestatiane@yahoo.fr

Resumo

Em se tratando do estudo comparativo entre o *Almanaque Brasileiro Garnier*, produzido por uma das últimas filiais francesas no Rio de Janeiro, e o *Almanach Hachette*, editado pela *Librarie Hachette* em Paris, propomos a aferição das cidades excelentes, Paris e Rio de Janeiro, por meio da análise de duas propagandas ou almanaquias concernentes a tratamentos terapêuticos, *Nutrigène* e *Pilules Pink*, para cura - em um microcosmo popular inscrito no mítico-poético - dos males da modernidade. Ora, a construção, de tais sítios oníricos enraizados no popular, permite que façamos a inferência segundo a qual os antigos tratamentos naturais, como as garrafadas, os chás e as ervas, agora recebam uma roupagem moderna, em que os antigos pacotes ou sacos, são, doravante, encapsulados e enfrascados, como as *Pilules Pink* e o *Nutrigène*, uma espécie de ‘modernização’ dos princípios terapêuticos e místicos advindos dos bálsamos populares de outrora.

Palavras-chave: almanaque; cura; homeopoética; onírico; modernidade.

Abstract

Regarding the comparative study between the *Almanaque Brasileiro Garnier*, produced by one of the last French branches in Rio de Janeiro, and the *Almanach Hachette*, edited by *Librarie Hachette* in Paris, we propose to gauge of the excellent cities, Paris and Rio de Janeiro, through the analysis of two publicities or ‘almanaquias’ concerning therapeutic treatments, *Nutrigène* and *Pilules Pink*, used to heal – in the

popular microcosm involved in the mythical-poetic – the evils of modernity. The construction of such dreamlike places rooted in the popular tradition allows us to infer that the old natural treatments, such as the ‘garrafadas’, teas and herbs, now receive a modern apparel in which old packages or sacks are encapsulated and bottled, like *Pilules Pink* and *Nutrigène*, as some sort of “modernization” of the therapeutic and mystic principles of the popular balms of formerly.

Keywords: almanac; healing; homeopoetic; dreamlike; modernity.

No que tange ao estudo comparado entre o *Almanaque Brasileiro Garnier*, produzido, no período de 1903 a 1914, por uma das últimas filiais francesas estabelecidas no Rio de Janeiro e o *Almanach Hachette*, editado em Paris, pela *Librairie Hachette*, entre 1894 e 1980, visamos discorrer sobre a tessitura anual das cidades excelentes, em um microcosmo dotado de poeticidade, cuja utopia, mesclada ao onírico, é a composição simbólica de antídotos para suplantar as problemáticas modernas.

Destarte, partamos da análise de duas propagandas retiradas de tal universo carregado de magia - haja vista o caráter hermético dos almanaques - o *Nutrigène* do *Almanaque Brasileiro para o ano* de 1905, e as *Pilules Pink*, do *Almanach Hachette* para o ano de 1910, cuja vendagem, em tal universo popular, dá-se em uma botica às avessas, aquela em que todos, pela equidade e pelo valor módico de tais edições, podem adquirir tais medicamentos para cura dos males da modernidade.

Ora, se tal aquisição, para cura, parte da transformação dos antigos métodos de tratamento popular - as receitas naturais passadas de geração a geração - infirmos sobre a modernização de tais terapias populares por meio de seu encapsulamento e de seu enfrascamento na chamada *Belle Époque* francesa e em sua correspondente carioca. É, pois, na nova roupagem da medicina popular, tendo em vista o universo em que tais medicamentos são ofertados, que consideramos o frasco de *Nutrigène*; uma espécie de atualização das posologias paralelas de outrora.

Tal rememoração do popular permite discorrer sobre o anúncio que inicia com uma sorte de chamada assaz imperativa, em que o caráter persuasivo faz-se notável, “*Le Flacon doit être hermétiquement fermé et tenu*”, “O frasco deve ser peremptoriamente fechado e conservado”, o que remete, de antemão, ao próprio

ato de “enfrascamento” das antigas receitas populares, agora, não mais em sacos, garrafas ou papeis, mas “empotadas” com uma vestimenta de suntuosidade e de modernidade. Ora, se tal propaganda inicia com tal indicação de ordem, logo abaixo, tem-se a menção concernente à descrição do medicamento, que é um *“Albumose Peptone de Viande Pure, Sans Odeur, Agréable Au Goût Entièrement Assimilable D’une Solubilité & D’une Valeur Nutritive Incomparables”*, “Albumose Peptone de Carne Pura, Sem odor, Agradável Ao Paladar Inteiramente Assimilável De uma Solubilidade & De Um Valor Nutritivo Incomparáveis”; ou seja, todos os atributos que reforçam o tom de convencimento.

Tais predicados ainda levam ao próprio contexto circundante, a modernidade, em que a velocidade exacerbada parece estar inscrita no reforço do componente para os dias de labor, a Albuose Peptone de carne pura, além de não apresentar odor, ser agradável ao paladar e totalmente assimilável; contrário às receitas naturais, tomemos aqui o universo popular, que muitas vezes apresentam o predicado amargo, a não praticidade para ingestão e para solubilidade. Tem-se, seguidamente, a ênfase no valor nutritivo e a sua singularidade, o que reafirma o caráter de força para os dias sobrecarregados.



Se analisamos a propaganda inserida no microcosmo de almanaque, carregado de tintas míticas e de poeticidade, devemos fazer menção ao viés da oralidade presente em tal literatura popular, posto que se as “receitas da vovó” ou de pessoas mais velhas, para tratamento de males, eram passadas de geração a geração, agora, ou melhor, na modernidade, vestem uma nova vestimenta; os leitores assimilam tais remédios e os propagam pelo boca a boca entre si, além de tal viés oral

registrar tais saberes a cada edição e que, por sua vez, são repetidos a cada abertura ou ‘visitação da botica caseira’ para consulta de um exemplar do ano anterior, uma sorte de ciclo em que pelo oral ou pelo escrito, tais práticas são preservadas.

São, pois, as velhas receitas de chás, de ervas, de tônicos naturais, passados oralmente para novas gerações, que aqui são rememorados pelo viés do popular, haja vista o caráter módico e oral de tais edições, o que direciona à próxima menção ao valor nutritivo de tal medicamento, como se as antigas prescrições cotidianas - do tipo comer fígado, beterraba, feijão, e tomar elixires para fortalecer e se ver livre de moléstias - agora viessem travestidas da seguinte frase ‘*Determine une augmentation rapide du poids et du corps*’, ‘Determina um aumento rápido do peso e do corpo’, bem como da imagem concernente ao touro.

Ora, se o ganho de massa e de nutrientes é modernizado, ou seja, vem doravante em um frasco de fácil manuseio e conservação - representativo do estado de aceleração em que os leitores estão inseridos - também tem na imagem o reforço de tal valor nutricional, salientando que a aquisição de tal medicamento proporciona a força de um verdadeiro ‘touro’. Diante disso, é interessante considerar a simbologia existente na figura do touro, que além de remeter a uma força exacerbada, ainda nos faz pensar, em consonância com o caráter mítico-poético dos almanaques, em uma menção:

L’animal est la victime expiratoire qu’on sacrifie (boeufs, taureaux, coqs, etc.) ou qu’on chasse après l’avoir chargé des péchés de la communauté (bouc émissaire). L’animal est un signe du destin, un instrument privilégié de la divination. Les animaux divinatoires par excellence sont l’araignée, le corbeau, le coucou (tous les oiseaux le sont plus ou moins), le chien, le cheval, le rat, le lézard, le serpent et le poisson. On utilise pour les présages soit l’étude de leurs comportements, soit l’observation de leurs entrailles (haruspices). Toute cette symbolique animale a été fixée au Moyen âge en Occident dans les Bestiaires. Les animaux y prennent une valeur allégorique qui a varié depuis. (GAULTIER, 1980. p.89)¹

¹ O animal é a vítima expiatória que se sacrifica, (bois, touros, galos, etc.) ou que se caça após tê-lo carregado de pecados da comunidade (bode expiatório). O animal é um signo do destino, um instrumento privilegiado da divinação. Os animais pressagiadores por excelência são a aranha, o corvo, o pássaro (todas as aves o são mais ou menos), o cachorro, o cavalo, o rato, a lagartixa, a serpente e o peixe. Utiliza-se para os presságios seja o estudo de seu comportamento, seja a observação de suas entranhas (adivinhações). Toda essa simbologia animal foi fixada na Idade Média no Ocidente nos Bestiários. Os animais têm nestes um valor alegórico que variou desde então.

Tal citação, concernente à simbologia existente na figura do animal, faz-nos considerar o touro da propaganda, inserido em tal universo popular de magia, em uma dinâmica que mescla utopia e poeticidade, posto que se os animais são signos do destino, um instrumento privilegiado de adivinhação, infere-se, a partir disso, a respeito do viés de controle do tempo e da vida dos almanaques, como se o touro da propaganda já tivesse o poder de proteger os leitores das intempéries diárias, ou prognosticassem, junto aos tantos áugures de tais edições, uma vida de eterno regozijo. Se os presságios eram tirados a partir do estudo do comportamento dos animais, além da observação de suas entranhas, aqui temos, ou melhor, nas cidades excelentes do Rio de Janeiro e de Paris, os prognósticos de deleites tirados por homens dotados de poderes sobrenaturais, bem como por meio de receitas para cura de todos os males modernos. Ainda, a observação das vísceras para pressagiar remete, de maneira simbólica, ao próprio princípio de fortaleza para o corpo dos leitores debilitados, posto que a força do touro já é passada para as entranhas dos próprios leitores que, por sua vez, têm em tal microcosmo mítico-poético, a cura para seus males, bem como a tessitura de um destino repleto de boa ventura.

Considerando a simbologia dos animais para adivinhação, vale destacar uma espécie de mito da força (touro) que dialoga com o telúrico - as plantas que outrora eram receitas populares para todos os males e que também apresentavam o caráter do sagrado em sua manipulação - que, por sua vez, remete a uma sorte de busca, em meio ao urbano, à modernidade a todo vapor, de um diálogo entre o campo e a cidade, como se da terra fossem retirados os elementos para serem empotados com um envolto de modernidade, capaz de sanar os males modernos pelas raízes do popular.

Ora, se o *Nutrigène* apresenta uma simbólica que está calcada no popular, cuja fortaleza advém do hermetismo da terra, vale ressaltar o diálogo ou a modernização da antiga garrafada por meio do enfrascamento do bálsamo para todos os males, ou melhor, o engarrafamento do líquido que mescla o sagrado e o terapêutico popular, agora é vendido na botica de almanaque para deleite dos leitores. No entanto, o viés da multiplicidade de função terapêutica da antiga garrafada ou das ervas em geral é, de certa maneira, mantido, visto que o mesmo frasco de *Nutrigène* é eficaz no combate à ‘Tuberculose; Convalescenças Difficeis, Doenças da Digestão, da

Nutrição do Estomago, dos Intestinos, Velhos e Crianças débeis, etc’’. Assim, vale discorrer sobre os princípios da garrafada por meio da citação:

Garrafada constitui uma combinação de plantas medicinais, cujo veículo é geralmente aguardente ou vinho branco e raramente água, onde podem ser também acrescentados elementos de origem animal e mineral. São remédios quase sempre com finalidades específicas, tais como: garrafada para problemas de rim, de fígado, de coração e assim por diante, visto que as ideias de etiologia e patologia na medicina popular baseiam-se em conhecimentos (sic) não legitimados. Tanto as plantas medicinais são selecionadas e destacadas as partes que o manipulador julga conter as propriedades medicinais como os componentes de origem animal e mineral. Dentre estes cita-se o pó de chifre raspado, comum em garrafadas, principalmente para verminoses. Os elementos que compõem as garrafadas permanecem junto aos veículos todo o tempo em que estiver em preparação e uso. Não se filtram nem coam tais preparações. (CAMARGO, 1985. p.29)

Tal composição advinda de produtos da terra é doravante manipulada pelo boticário que, inserido em tal atmosfera onírica, representa o próprio *guérrisseur/herbairer* ou ervateiro/curandeiro, como se a modernização do processo de cura viesse agora enfrascada e com prescrições de uma pessoa dotada do saber legitimado, ainda que saibamos que a medicina foi um dos últimos campos em que a legitimação ocorreu tardiamente, além e sobretudo pelo fato de estarmos analisando um contexto do início do século XX, em que o popular e o erudito ainda caminham lado a lado de maneira significativa.

É em tal atmosfera que o boticário maior, o almanaque com suas prescrições para sonhar, receita o bálsamo manipulado e portador de uma simbólica de força em consonância com o sagrado/poético de tal microcosmo, onde a deidade Hércules, deus da força, representada pelos santos, astrólogos e práticas concernentes ao hermético, aparece metamorfoseada na figura do touro, cuja robustez permite combater tanto as moléstias quanto os males da modernidade. Ora, tal ‘‘antídoto dos deuses’’ colabora na tessitura anual da epopeia brasileira/carioca, cujos heróis, o povo ou os leitores, têm o vigor necessário, com o *Nutrigène*, para suplantar as problemáticas cotidianas; em um microcosmo repleto de poeticidade, onde seus feitos são registrados a cada edição popular.

Tendo em vista o viés mítico-poético do microcosmo de almanaque, reforçamos o seu poder de cura dos males circundantes, em uma espécie de rito em que os leitores, pela ingestão não da ambrosia, mas do pó de *Nutrigène*, têm a garantia da imortalidade, na verdadeira idade de ouro atualizada, na correspondente chamada *Belle Époque* carioca. É, pois, com o mesmo princípio sacral das garrafadas, que o heróico é tecido em tais edições, como uma sorte de salvação das intempéries modernas pelo consumo do *Nutrigène*, comprado na botica popular, e vendido pelo boticário/curador que, por sua vez, compra a retalho do vendedor/curandeiro maior, o almanaque que, já obtém da deidade Hermes, e de tantas outras em tal microcosmo, a destreza para o comércio e a velocidade para combater os males da modernidade.

Ora, se já temos - haja vista o microcosmo mítico-poético aqui analisado - a modernização da utilização das ervas, as ‘artes de Emônia’, podemos falar de uma nova nomenclatura para a homeopatia no início do século XX; a homeopoeítica de almanaque, que faz das plantas ou de elementos ligados ao telúrico, agora enfrascados, a cura para o urbano imerso em uma velocidade extraordinária que esconde o Belo.

Em se tratando de um contexto que respira progresso e velocidade, a modernidade, tem-se na figura do deus Hermes, deidade da força e da rapidez, aquele que tece, pela Poiésis, o comércio maravilhoso de almanaque, cujas vendas dão-se em logradouro parisiense, com a seguinte indicação ‘‘Um frasco serà remetido GRATUITAMENTE aos Snrs Medicos que o requisitarem para experiencia clinica’’, da ‘‘Sociedade do Nutrigène’’ situada à ‘‘Paris, 10, Faubourg Poissonnière, Paris’’.

Vale ressaltar que o diálogo Brasil/França faz-se notável, posto que se na chamada *Belle Époque* já se tem referências francesas que abundam a sociedade carioca, aqui temos um indicativo direto que sustenta tal estudo comparativo, fazendo da internacionalização do regional ou do nacional - haja vista que o comércio quimérico dá-se entre os dois países, sem contar o fato de que no mesmo período tem-se os estudos brasileiros desenvolvidos em tal sítio - a ponte que liga e que intercambia as almanaquias para deleite.

Nada mais elucidativo, para a análise comparativa aqui tecida, do que a aquisição do *Nutrigène* apenas em logradouro parisiense ou por meio de pedidos, o que reforça a passarela quimérica entre o Eldorado e o *Pays de Cocagne* que, por sua vez, sustentam um comércio - com suas boticas populares, tendo em vista o abrir e o fechar tais livros de baixo custo - feérico em que já os leitores vivem em um tempo

outro, o da equidade representativa da excelência das cidades ideais Paris e Rio de Janeiro, no melhor dos mundos de almanaque.

Tal diálogo conduz à análise da outra propaganda ou almanaquia, as *Pilules Pink*, do *Almanach Hachette* para o ano de 1910, que apresenta similitudes no que tange à cura dos leitores parisienses dos males modernos.

Como no Nutrigène, temos já no início do anúncio, ou melhor, em seu envólucro, uma espécie de proposição de convencimento, posto que o nome *Pilules Pink* vem acompanhado de um dado preponderante para os dias de trabalho na modernidade, ‘*Pilules Pink pour personnes pâles*’; para pessoas pálidas que possivelmente estão sem os nutrientes necessários para acompanhar a velocidade exorbitante e o frenesi da chamada *Belle Époque*.

É, pois, com tal caracterização que fazemos menção à própria imagem correspondente ao medicamento, que inserido em um dos gêneros populares, o almanaque, já rememora o viés da medicina popular, ou seja, a busca das raízes populares para cura dos males modernos, que doravante vem envolta em cápsulas notadamente modernas, não mais, como mencionamos, em pacotes, em sacos ou papéis que, muitas vezes, serviam para embalar as ervas, os chás, os decoctos, os elixires, dentre outros. Se tal modernização dos antigos métodos de cura faz-se pelo envolto das pílulas para carregar, de maneira extremamente prática, na correria da cidade grande, temos também a certificação de que se trata de um medicamento legitimado pela figura do Dr. Williams, ou seja, a certificação de uma autoridade da medicina erudita para melhor credibilidade do remédio. Ora, se tal menção diz respeito ao caráter científico, temos sua imersão no âmbito popular, o almanaque, que rememora simbolicamente ou de maneira assertiva, a medicina paralela, posto que no início do século XX temos ainda uma ciência notadamente calcada nas raízes populares. Tal binômio pode ser elucidado por meio de várias almanaquias, francesas ou brasileiras, bem como por meio de informações que corroboram a proposição segundo a qual o erudito e o popular caminham em parceria no início do século, lisível em tal literatura popular.



Se temos a menção à Sociedade do *Nutrigène* que permite tal leitura, temos na figura do Dr. Williams a semelhança no que tange à dicotomia do popular/erudito, fazendo da botica de almanaque, inserida em tal microcosmo quimérico, a própria vendedora de sonhos, de magia e de tratamentos terapêuticos para os males da modernidade. Logo, se tínhamos a figura do touro como sustentabilidade dos leitores para os dias de labor, temos também com as *Pilules Pink*, circundadas por duas frases, ‘*Régénérateur du Sang*’ e ‘*Tonique des Nerfs*’, a robustez necessária para suplantar os males modernos. Se tais cápsulas são regeneradoras do sangue e tônicas para os nervos, observamos nitidamente o frenesi e a velocidade exacerbada, da chamada *Belle Époque*, por meio da indicação segundo a qual o sangue e os nervos já não acompanham o ritmo acelerado dos tempos modernos.

Se as *Pilules Pink* são um verdadeiro tônico para o combate dos males da agitação moderna, inseridas no microcosmo mítico-poético, têm, como simbólica, não o touro como representação de vigor, mas, e também, Hércules, deidade da força, que em consonância com os tantos representantes do sagrado em tal sítio maravilhoso - bem como do Dr. Williams imerso em tal universo mágico-poético, como um verdadeiro *guérrisseur*, ou o próprio boticário maior, o almanaque, que receita prescrições para sonhar na botica popular - oferta aos leitores o vigor necessário para ultrapassar as problemáticas modernas.

É tal prática de cura, na modernidade, que nos faz pensar ainda na Sociedade do *Nutrigène* e na figura do Dr. Williams, posto que estamos em um contexto citadino, em que os leitores já não consultam os oráculos gregos ou os curandeiros da província, mas pessoas dotadas de poderes sobrenaturais que têm seus consultórios em logradouros parisienses ou cariocas, como os tantos astrólogos de almanaque ou os próprios médicos que são dotados da ciência legitimada, o que remete à menção:

(...) A la figure du paysan qui vous <<traite>> par <<secret>> toujours avec discrétion et souvent par charité se substitue en ville et à l’approche des villes la figure

infiniment plus ‘savante’ d’un guérisseur professionnel souvent spécialisé avec cabinet de consultation, un fichier, une salle d’attente bardée de témoignages de reconnaissance, des heures de réception, ... caricaturant ainsi jusque ses moindres recoins sinon la science officielle du moins la mentalité résolument moderne qui lui est liée. (LAPLANTINE, 1978. p. 76)²

Tal miscelânea, entre o popular e o erudito, elucida novamente o universo de almanaque, em que os saberes dos diferentes âmbitos mesclam-se às raízes do popular, em uma dinâmica épica em que os feitos de seu povo, o brasileiro e o francês, os seus saberes, passam e são inscritos em uma oralidade, *ad infinitum*; anualmente, no que tange apenas a sua produção, mas eterno por ecoar de geração a geração.

É dessa maneira que, seja pelo boticário ou *guérisseur* seja pelo doutor ou pelo próprio microcosmo mítico-poético, as *Pilules Pink* agem no combate às moléstias dos leitores na modernidade, rememorando práticas do popular e inscrevendo uma literatura médica consultada a preço módico, ‘*Les Pilules Pink guérissent toutes les maladies causées par l’apauvrissement du Sang et l’affaiblissement du système nerveux.*’. É como em um rito de cura - agora encapsulado, digno da modernidade - que a garrafada é metamorfoseada em pílulas, como se o empobrecimento do sangue e o enfraquecimento do sistema nervoso já pudessem contar com um antídoto sagrado capaz de sanar toda e qualquer enfermidade, em uma ritualística poética seguida pelo abrir e fechar de tais livros populares. Citemos, então, uma passagem bastante elucidativa de tal processo terapêutico calcado no sagrado:

Tais motivos devem-se à função terapêutica da garrafada, tendo em vista as propriedades medicamentosas dos componentes e à função sacral dos ritos de cura que envolve tanto a figura do curador como a própria garrafada, ritos esses, de caráter nitidamente mágico-religioso. (...) Enquanto de um lado é encontrada nas propriedades medicinais das garrafadas um dos motivos de seu difundido uso no meio popular, de outro fica evidente a função sacral de caráter mágico-religioso que envolve todo

² À figura do homem do campo que vos <<trata>>, sempre com discrição e frequentemente por caridade, substitui-se, na cidade e próximo a elas, a figura infinitamente mais “sábia” de um curandeiro profissional sempre especializado em seu consultório, com um fichário, uma sala de espera repleta de depoimentos de reconhecimento, de horários de atendimento, ... caricaturando, dessa maneira, até seus menores predicados senão os da ciência oficial, pelo menos a mentalidade efetivamente moderna a que está ligada.

ritual de cura, que vai desde a consulta ao curador até o uso da garrafada. (CAMARGO, 1987, p. 37 e 43)

É o princípio do múltiplo que endossa a eficácia das *Pilules Pink*, corroborando mais uma vez o diálogo entre o popular e o erudito, seguindo simbolicamente a função de cura de acordo com os poderes das ervas, de tantos elixires e de tantas infusões, manipulados para agir em uma infinidade de moléstias, visto que: “*Elles guérissent proptement et sûrement l’Anémie, la Chlorose, Faiblesse générale, Migraine, Maladies nerveuses, Neurasthénie, Maux d’estomac*”. Tal eficácia simbólica na cura de tantos males remete ao próprio sítio maravilhoso de almanaque, posto que as *Pilules Pink* já simbolizam uma espécie de elixir ou garrafada encapsulados para combate dos males modernos, vendidas na botica e prescritas pelo boticário/*guérisseur* que, em consonância com o universo mítico-poético aqui analisado, segue o próprio rito que vai desde a consulta, em logradouro parisiense, *Rue Gablin de la Classe*, até o próprio uso de tais pílulas para deleite dos leitores.

É a garantia simbólica de cura de todas as moléstias pelas cápsulas imersas em tal microcosmo quimérico, que já se tem a oferta da imortalidade nas cidades excelentes, Paris e Rio de Janeiro, como bálsamos, o *Nutrigène* e as *Pilules Pink*, para alcance do Sublime no melhor dos mundos possíveis de almanaque.

O que nos conduz à comercialização de tais pílulas para o eterno, em que Hermes, deidade do comércio e da rapidez, representa, em diálogo com os tantos outros representantes do sagrado no almanaque francês, como no brasileiro, a oferta de uma vida repleta de ventura, em que a velocidade exacerbada da modernidade, com todos os seus males, já não conseguem ultrapassar os muros de tal microcosmo feérico. Logo, é na botica de almanaque que o boticário travestido de Hermes e de outras figuras do sagrado, prescreve e vende as almanaquias para regozijo dos leitores parisienses e cariocas, manipulando não elementos vegetais, animais, minerais ou plantas de uma homeopatia/medicina paralela, mas aqueles advindos de uma homeopoética que tem seus componentes extraídos do imaginário popular; o sonho, o canto, a utopia e a felicidade.

Referências bibliográficas

Almanaque Brasileiro Garnier. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

Almanach Hachette. *Petite Encyclopédie Populaire de la Vie Pratique*. Paris: Hachette, 1905.

CAMARGO, Maria Thereza L. de Arruda. *Medicina Popular: aspectos metodológicos para pesquisa, garrafada, objeto de pesquisa, componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral*. São Paulo: ALMED, 1985.

LAPLANTINE, François. *La médecine populaire des campagnes françaises aujourd'hui*. Paris: Editions Universitaires, 1978.

GAULTIER, André Pascal & LASNE, Sophie. *Dictionnaire des Superstitions*. Tchou: Poitiers/Ligugé, 1980.